

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO**

LETÍCIA GARCEZ COSTA

CAOS ANONIMATO

**CRICIÚMA
2018**

LETÍCIA GARCEZ COSTA

CAOS E ANONIMATO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Espec. Alan Figueiredo Cichela

CRICIÚMA

2018

LETÍCIA GARCEZ COSTA

CAOS ANONIMATO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e poéticas: linguagens.

Criciúma, 30 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Alan Figueiredo Cichela - Mestrando – Especialista (Unesc) - Orientador

Prof. Daniele Cristina Zacarão Pereira – Mestra (Udesc)

Prof. Maurício Bittencourt - Especialista - (Unesc)

AGRADECIMENTOS

Este foi um período de muita luta, tanto com a pesquisa em si quanto com os acontecimentos que me rodeavam – crise política, pessoas agressivas devido à política. Nesse percurso tive pessoas muito importantes ao meu lado, as quais gostaria de agradecer imensamente o carinho e compreensão.

Agradeço primeiramente à minha mãe, Ruthe Garcez, por me apoiar incondicionalmente e sempre me ajudar com o que preciso. Ao meu namorado Alvaro Baldini Piuco, que enxugou muitas lágrimas dessa que escreve. Júlio Costa, por ser o irmão que nunca tive. Bruna Costa, por ser minha melhor amiga e conselheira. Luiza Gomes, por estar na minha vida há tanto tempo e me aceitar como sou. Fabrício Alano e Hermano Barrios por serem meus melhores amigos e sempre desejarem o meu melhor.

Gostaria de deixar meu agradecimento especial ao artista visual Felipe Caprestano, por ceder a máscara para a performance e exposição. Ao professor Alan Figueiredo Cichela por ser este orientador tão tranquilizador e empenhado com a pesquisa.

Para toda família não tradicional, como as pessoas que citei acima, que apoiam seus artistas familiares ou amigos, um imenso obrigado.

**“Não vejo necessidade em saber
exatamente quem eu sou”**

Michel Foucault

RESUMO

Anonimato é o tema da pesquisa. Aqui se discute o sujeito anônimo, o artista anônimo e seu ego, e a arte anônima. É abordado o uso de uma assinatura para designar a produção artística, a qual se denomina por Caos. O trabalho fala de como o anonimato afeta o resultado da pesquisa. O resultado final converge na ideia de se usar uma máscara para reafirmar o anonimato em forma de performance. O objetivo é desacomodar olhares, fomentar discussão sobre anonimato e afeto e ver a resultante do acaso que virá da performance. O problema de pesquisa consiste em saber de que forma o trabalho anônimo e o anonimato escolhido por mim afetam a pesquisa, de que forma esse afeto se caracteriza? A metodologia usada é cartográfica, os resultados alcançados fazem parte da apresentação da pesquisa e a conclusão é a de que se abre discussão para seguir com a pesquisa, pois o acaso é fator importante neste trabalho.

Palavras-chave: Anonimato. Caos. Afeto. Máscara. Performance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 2 Arte de rua do artista Brolga. Fonte: https://www.instagram.com/brolga/	21
Figura 3 Sem título, Técnica Mista, 2018, por Caos.....	23
Figura 4 Autorretrato, Nanquim, 2017, por Caos.....	24
Figura 6 Marina Abramovic performando "Rhythm 0" (1974). Fonte: https://www.guggenheim.org/artwork	29
Figura 9: Estudo para "The Face of NY" 2011 Foto: Caos.	33
Figura 10: Teaser da máscara "The Face of NY" Foto: Caos.	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
METODOLOGIA	15
3. I – Ego e anonimato convergindo em Caos	18
4. II – Um afeto anônimo	26
5. III – A máscara do Caos	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE(S)	37
APÊNDICE A	37
APÊNDICE B	39

INTRODUÇÃO

O fato de querer compartilhar tudo que faço com todos e deixar aberta a fenda do copie se quiser, foi um grande impulsionador do surgimento da ideia do anonimato. Essa ideia vem do termo *Copyleft*¹, contrário à ideia de *Copyright*, portanto quem quiser pode copiar. Além disso, minha timidez e retração também deram combustível para a vontade de ser anônima e pesquisar o tema. Era como se eu não quisesse mais ser artista, estava pensando sobre como alguns artistas são egocêntricos e não queria isso para o meu trabalho.

Minha primeira ideia de pesquisa foi sobre as mulheres anônimas na história, a situação dessas mulheres era de anonimato, mas não por escolha, e sim por falta de direitos, por serem mulheres, por não terem direito ao estudo, tampouco nas artes e pelo patriarcado vigente na época (hoje as mulheres conquistaram alguns direitos, mas estamos longe da igualdade de gênero). Então disso desenvolvi a ideia de ser anônima, não porque não posso assinar obras, ou ser responsável por trabalhos artísticos, como acontecia com essas mulheres; mas sim porque posso estar ali e não o quero, por poder fazer uso dessa escolha, por ter poder sobre a minha vontade de não aparecer. Assim, decidi pesquisar sobre o anonimato e como ele afeta a produção artística contemporânea e a minha própria.

Continuando, entro no assunto do anônimo: segundo o Dicionário da Língua Portuguesa: “a.nô.ni.mo adj. 1. Sem nome ou a assinatura do autor. 2. Sem nome ou nomeada; obscuro” (FERREIRA, 2004, p.24). Muito se cita no *Aurélio* sobre o anonimato estar ligado à ausência de um nome, pois bem, entendo que o anônimo é o sujeito que não revela sua identidade perante a sociedade, o autor desconhecido: não identificado.

O artista anônimo é aquele que geralmente está por trás de uma assinatura, ou nenhuma. E, dentro da área artística, o trabalho anônimo é aquele que não tem nome ou então é desse sujeito que não quer se identificar.

¹ Copyleft “é o direito ou licença concedida para que uma obra possa ser livremente modificada, assim como distribuída de forma não comercial. Por outro lado, o termo é também um trocadilho da palavra copyright ou “direito de copiar”, que se refere ao direito assegurado ao proprietário da obra e que, por conseguinte, não se pode realizar nenhuma reprodução da mesma sem a devida autorização”. (<https://www.significadosbr.com.br/copyleft>)

No percurso da presente pesquisa encontrei artistas como o inglês Banksy e os franceses Blek Le Rat e Zeus; além do artista criciumense Giphs, que tive o prazer de conhecer pessoalmente. Todos estes são artistas anônimos, seus reais nomes desconhecidos, com uma assinatura e/ou trabalhos conhecidos; provenientes da (contra) cultura e da arte de rua, sobretudo.

Minha ideia nessa pesquisa é tornar-me anônima na elaboração de todo o processo e na confecção de um trabalho-resultado, para discorrer sobre o assunto anonimato e como isso afeta o artista e sua obra diante do panorama geral social e de seu próprio ego. Meu nome é Letícia Garcez, sou artista em formação e pesquisadora. Na pesquisa que segue me proponho a refletir sobre ser anônimo e procuro entrar em anonimato, dessa forma uso do pseudônimo Caos para dar nome ao trabalho que provém desse anonimato, assiná-lo. Em suma, este trabalho aborda o anonimato do artista e seus possíveis desdobramentos refletidos em sua arte.

Utilizo o pseudônimo Caos para identificar minha produção ao longo da pesquisa e, agora como artista anônima, essa é minha assinatura.

Os artistas de rua que citei são anônimos por motivos que algumas vezes convergem entre si. Por exemplo, o fato de fazerem arte de rua, e essa ser uma atividade ilegal. Meus motivos assemelham-se nesse aspecto, mas tenho outras motivações provenientes da ideia de anonimato.

Partindo da entrevista com o “Filósofo Mascarado²”, de fevereiro de 1980 ao *Le Monde*³, cito e comento alguns trechos em que o filósofo anônimo explica o porquê de seu anonimato:

[...] estando o cenário intelectual sob o domínio da mídia, as estrelas prevalecendo sobre as idéias e o pensamento como tal não sendo mais reconhecido, o que se diz conta menos do que a personalidade daquele que fala. (FOUCAULT, 1980, p. 299)

² Filósofo Mascarado foi o pseudônimo escolhido por Michel Foucault para preservar seu anonimato nessa entrevista.

³Le Monde é um jornal diário francês fundado por Hubert Beuve-Méry e continuamente publicado em Paris desde a sua primeira edição em 19 de dezembro de 1944. É um dos mais importantes e amplamente respeitados jornais do mundo.

O que se diz, em teoria, deveria contar mais que a personalidade de quem diz. O artista pode ser um mensageiro de seu trabalho, ou mesmo um figurante, para que aquilo que diz realmente seja levado em conta e tenha relevância maior que o sujeito.

O mercado da arte está cheio de estrelas e muitas obras são vendidas pelo nome que carregam. A arte não é o único fator que importa no mercado, nem os anônimos escapam: Banksy é anônimo e, ao mesmo tempo, famoso.

O filósofo citado na entrevista é Michel Foucault (1926–1984), sua identidade em relação a essa entrevista foi mantida em segredo até o fim de sua vida, o que pode tê-lo salvo da responsabilidade nominal e autoral, mas não do reconhecimento como o grande filósofo que foi, mesmo mascarado.

Os motivos dos quais este trabalho de pesquisa foi desenvolvido com o tema acerca do anonimato assemelham-se aos de M. Foucault em alguns aspectos.

“[...] para romper com esses efeitos perversos e tentar fazer ouvir uma palavra que não possa ser banalizada em função do nome de quem ela procede, decidir-se a entrar no anonimato”. (FOUCAULT, 1980, p.300).

O motivo de não revelar minha identidade em meu trabalho e, na maior parte das vezes, utilizar-me do pseudônimo Caos como assinatura única, é que – além da carga que meu nome e minha identidade carregam vinculadas à minha história de vida, gênero e outras particularidades, como a ilegalidade de certos atos que fiz durante minha trajetória artística – acredito que o artista não precisa de um espaço tão grande para o ego em seu trabalho. Sigmund Freud (1856 - 1939) fala sobre ego em seu Dicionário de Termos de Psicanálise (1970), situando a pesquisa e a definição psíquica de tal fator:

Nós conhecemos no homem, uma organização psíquica que está intercalada entre os seus estímulos sensoriais e a percepção das necessidades corporais, por um lado, e a sua atividade motora, por outro lado, e que serve de mediadora entre eles, com um propósito determinado. Nós chamamos a esta organização o seu “eu” (Ego). (FREUD, 1975, p. 54)

Não falo nesta pesquisa sobre a definição de ego propriamente dito, como na psicanálise, mas do que esse “eu”⁴ chamado ego pode acarretar na formação e percepção do indivíduo em relação à sua vida exterior e subjetividade, gerando o que conhecemos como um sujeito egocêntrico⁵. Algo que pode atrapalhar o desenvolvimento pessoal e artístico, no caso, o ego do artista.

A questão do anonimato se relaciona diretamente com estes pontos. Primeiro a proteção legal do indivíduo perante as leis sociais. Segundo, Foucault e seu anonimato mascarado, devido ao nome e personalidade que carrega, entre outras características. E por último pelo fato do ego deixar a arte propensa à má interpretação, justamente pela ligação do ego do artista com sua arte, o que retoma o segundo ponto.

Assim, um anonimato porque, como disse o filósofo mascarado em sua entrevista: “o nome é uma facilidade” (FOUCAULT, 1980), concordo nesse ponto. O fato da possibilidade de ser outro através de outro nome, ou de anular seus vários personagens mentais através do nome desse outro – ou mesmo canalizá-los ali – é a facilidade do próprio nome. Legalmente não se pode trocar de nome por qualquer motivo, o que realmente dá uma legitimação e reafirma a importância que tem uma simples palavra, o nome pessoal. Entretanto, qualquer um pode usar um pseudônimo. Dessa forma encaminho e canalizo minha fragmentação para o pseudônimo Caos.

Por isso, trago à tona o seguinte problema de pesquisa, pensando no anonimato como fonte de liberdade criativa e o uso de uma assinatura como autorreferência: de que forma o trabalho anônimo e o anonimato escolhido por mim afetam a pesquisa, de que forma esse afeto se caracteriza?

As questões que dão norte à pesquisa abrangem a lacuna sobre o que é o anonimato. Quem é o artista anônimo e como o anonimato afeta uma produção artística.

A pesquisa consiste em três capítulos, subdivididos conforme a necessidade.

No primeiro capítulo, Ego e anonimato convergindo em Caos, falo sobre anonimato, o que significa e o porquê da escolha do tema. Cito neste capítulo Suely

⁴Aspas da autora.

⁵Egocêntrico, segundo o dicionário da língua portuguesa, o mini Aurélio é “que ou quem refere tudo ao próprio eu; egoísta”. (FERREIRA, 2004).

Rolnik (1948) dentre outros autores, teses e artigos que ajudarão no esclarecimento do que o anonimato significa em si, nesta pesquisa, e como influencia em uma produção artística ser anônimo.

O segundo capítulo, Um afeto mascarado, discorre sobre o afeto e como o anonimato afeta a obra de arte, os autores que ajudarão nesse esclarecimento serão Baruch Espinosa (1632 – 1677) e Georges Didi-Hulberman (1953).

No terceiro e último capítulo, A máscara do Caos, trato do resultado artístico da pesquisa em si. O resultante do projeto, a pesquisa será apresentada através de uma performance, e neste capítulo trato de explicar o processo de uma maneira brevemente bibliográfica e um tanto mais pessoal, esmiuçando a ideia do que será a performance e o porquê dela.

Percepção de filmes e adesão de desenhos à pesquisa são adicionados ao apêndice e no decorrer do texto, colaborando para a leitura e compreensão das ideias em meio aos capítulos, como num diagrama cartográfico.

METODOLOGIA

Início a metodologia da pesquisa sobre Anonimato definindo, através do livro Pesquisa Social: teoria, método e criatividade (1993) da pesquisadora Minayo, o conceito de metodologia de pesquisa. Assim, a autora diz que “Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas” (MINAYO, 2001, p. 16).

A pesquisa discorre sobre Anonimato e resultará em uma performance que será a vivência propriamente dita da pesquisa. Por isso enfatiza-se que a metodologia é importante, mas além dela existe “o sopro divino do potencial criativo do investigador” (MINAYO, 2001, p.16), pois nada deve substituir a criatividade do artista pesquisador.

O método, dizia o historicista Dilthey (1956), é necessário por causa de nossa mediocridade. Para sermos mais generosos, diríamos, como não somos gênios, precisamos de parâmetros para caminhar no conhecimento. Porém, ainda que simples mortais, a marca de criatividade é nossa "griffe" (MINAYO, 2001, p. 17), em qualquer trabalho de investigação.

A metodologia de pesquisa inclui alguns parâmetros a serem explanados, como, por exemplo, seu teor. A presente pesquisa é de teor qualitativo, pois responde e instiga certos questionamentos. O anonimato levanta questões, assim, a pesquisa quando é qualitativa:

[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21-22)

O procedimento técnico da pesquisa é exploratório e também cartográfico. Exploratório, pois aqui foram seguidos alguns passos como os métodos de definir o problema de pesquisa, separar a pesquisa por capítulos, fazer fichamentos, dentre outros parâmetros um pouco mais convencionais e adeptos desse tipo de pesquisa. Porém além de seguir passos, aqui explorarei cartograficamente possibilidades de escrita e prática, assim serei cartógrafa.

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo de qualquer fenômeno da existência humana que se propõe a perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência. Até os fantasmas inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não. (ROLNIK, 2006, p. 65)

Minha pesquisa conterá textos sobre filmes vistos neste percurso de pesquisa a cerca do assunto Anonimato, os quais serão melhores explicados e

detalhados no decorrer do texto. Discorrerei sobre exposições que visitei no meio do caminho da pesquisa, que também se encaixam no assunto e serão abordadas e esmiuçadas dentro dos respectivos capítulos apresentados; também revelo desenhos entre alguns parágrafos dos capítulos, que evidenciam na pesquisa o que não escreverei em palavras – ou mesmo na performance – eles darão conta desse eu que não mostro no trabalho. Direciono aqui tudo ao anonimato e ao Caos que o compreende.

Além disso, faz parte da metodologia, uma entrevista feita com Caos no dia 26 de outubro de 2018, que acabou por servir como base para a escrita da pesquisa. Produzi uma série de vídeos também que ajudou a escrever sobre as ideias sem perdê-las.

A pesquisa é importante para a comunidade, porque desenvolve o olhar subjetivo do sujeito e desacomoda os sentidos.

A metodologia usada na pesquisa será de teor cartográfico. Assim, Suely Rolnik, em seu livro *Cartografias Sentimentais* fala que:

[...] a cartografia, diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações: ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra – aqui, movimentos do desejo -, que vão transfigurando, imperceptivelmente, a paisagem vigente. (ROLNIK, 2006, p.62)

Cartografia, caos e performance aqui se fundem em uma proposta artístico-teórica denominada Caos Anonimato. A proposta de apresentação do trabalho é uma performance que consiste na vivência da pesquisa, anônima e mascarada.

3. I – EGO E ANONIMATO CONVERGINDO EM CAOS

Qual a poética do anonimato? Como a autoria interfere no anonimato? Que máscaras usamos?

É difícil afirmar-se como pessoa única, sempre a mesma, não-fragmentada o tempo todo. Não digo que sou uma só, porque me encontro distribuída entre vozes de milhões de mim entoadas em meu pensamento, as quais todas são eu mesmo e todas me pertencem; caligrafias diferentes que são minhas também e até mesmo o meu estilo de expressão artística, aparece resultante dessa fragmentação caótica. Além de ser naturalmente fragmentada, aceitei isso e assumi como uma identidade multifacetada, porém única.

Ser anônimo é a escolha de não vincular meu pseudônimo com minha pessoa e meu nome. O Caos significa meu múltiplo estilo de fazer arte, os variados suportes. É a escolha de não dizer quem eu sou e permanecer assim, jogando minha arte para outro nome e, ainda sim, permanecendo eu, lançando minha arte a disposição de outros artistas para tomarem como sua, se assim o desejarem.

Penso sobre como essa arte sem mim chega ao receptor da mensagem passada. Assim, anonimato na arte seria a mensagem sem o ruído do meu nome e sem a interferência do ego. A ideia de ruído do nome, e do ego, vem da comunicação em si. Segundo o Portal Educação, por ruído entendemos o que “É de origem externa, nada mais são do que sons presentes em determinado lugar, acontecem do lado de fora da janela onde está ocorrendo a comunicação” (PORTAL EDUCAÇÃO, 2018), ou seja, por ruído se entende tudo que está no caminho entre a mensagem e o receptor da mensagem.

O ego e o nome seriam como o ruído, em se tratando de artes visuais e sobre um objeto artístico anônimo. Portanto, elimino aqui o ruído entre o que quero passar e o observador, tirando do caminho minha identidade e ego.

O ruído não pode ser considerado um termo absoluto, e sim relativo. Depende do sujeito que está ouvindo. Para Murray Schafer (1991) “ruído é qualquer som que interfere. É o destruidor do que queremos ouvir” (ibidem, p.69). Esta frase implica em perguntar quem está na posição de sujeito ouvinte, e o que este sujeito busca ouvir. (WASEM, 2007)

Assim como o ruído sonoro, o ruído na comunicação, em geral, pode interferir na fruição entre o produto do sujeito que envia a mensagem e o receptor deste produto. Sendo assim, o ruído que menciono seria o próprio ego pessoal interferindo na captação pelo observador da mensagem artística que o artista quer propagar, seu produto.

É compreensível a insistência do egocentrismo em nossas vidas. Nas propagandas, outdoors, revistas, novelas, entre outros, por tudo que o cerca, o sujeito é influenciado a querer ser alguém perfeito, como as mídias julgam perfeito, seja do “pegador” à “patricinha”, ou então do musculoso à “moça da capa”,⁶ ou ainda o protagonista e junto, as belezas de modelos.

Todo esse movimento de exposição pessoal dá uma sensação boa em curto prazo, mais pessoas estão ficando deprimidas por não darem conta do seu egocentrismo, por não conseguirem ser bonitas como a outra pessoa famosa, ou então ficam doentes apenas por serem observadores da vida dos outros e ficar aquela sensação de que sua vida não acontece, só a dos outros.

Como exemplos de artistas anônimos na arte, encontro em minhas pesquisas artistas de rua como Brolga, de Nova York e Banksy, o icônico artista britânico que já é conhecido mundialmente como o maior anônimo (des)conhecido.

⁶ Aspas da autora.



Figura 1 Banksy - Girl and balloon. Fonte: <https://www.instagram.com/banksy/>



Figura 2 Arte de rua do artista Broлга. Fonte: <https://www.instagram.com/brolga/>

Investiguei as poucas entrevistas de Broлга e encontrei uma que concedeu ao jornal New York Times na qual se refere à arte de rua como me refiro ao meu anonimato e uso de assinatura:

Isso me lembra o movimento punk rock de certa forma, pois é uma plataforma que não tem certo ou errado. Não tem censura e qualquer um pode fazer isso. Tudo que você precisa aprender é um power acorde e você pode escrever uma música punk, é super acessível. Você não precisa ser um músico ou artista de formação clássica para ir lá e criar algo com emoção e energia bruta. (THE NEW YORK TIMES, 2017)

Essa “emoção e energia bruta” (BROLGA, 2017) relatadas pelo artista, são acessadas também através do anonimato, que nos esconde dos julgamentos, a mesma sensação que faço questão de levar, deixando o mundo intelectual e criativo sem barreiras para agir no pensamento e manifestar nas artes e na vida.

No livro *Cartografias Sentimentais* (2006) encontro alguns conceitos relacionados à minha pesquisa, como as *máscaras*, que insisto em relatar que não saem nunca de nossas faces.

Fazer a passagem e descobrir que atrás da máscara não há rosto, só necessidade de criar novas máscaras. Descobrir que atrás da máscara só há um tipo de força de vontade: a de criar máscaras. E que se não há essa força de vontade, não há nada ou, mais precisamente, há vontade de nada ou de morte. Ou, pior ainda, um nada de vontade”. (ROLNIK, 2006, p.75)

Ou seja, por trás de nossas máscaras/nomes não existe ninguém, apenas o anônimo em nós, o cru, o real e o possível ilimitado. Não precisamos estar sempre com a mesma máscara, ela não nos aprisiona para sempre, apenas até encontrarmos outra que nos sirva mais adequadamente para nos apropriarmos dela, como quem somos no momento.

Ao contrário da máscara, que pode ser trocada, o nome persiste em identificar-nos (exceto casos de troca de nome, que muitas vezes estão vinculados à troca de máscara). Identifico-me nessa produção como Caos. Esse foi o nome que escolhi e acolhi no meu anonimato mascarado, quem sabe até o fim da pesquisa esteja com outra identificação, porém o que abre precedente aqui para argumentação é a necessidade ou não de uma assinatura.

Sobre minha assinatura trago a definição de Caos de acordo com o *Dicionário Básico de Filosofia*,

[...] 1.Termo utilizado aparentemente pela primeira vez na Teogonia de Hesíodo (séc. VIII a.C.), designando o vazio causado pela separação entre a Terra e o Céu a partir do momento da emergência do *Cosmo, designa também para os gregos o estado inicial da matéria indiferenciada, antes da imposição da ordem aos elementos. 2. Na física moderna, designa a imprevisibilidade de sistemas complexos, isto é, a existência de fenômenos em relação aos quais não é possível fazer previsões ou cálculos precisos dadas alterações,

mesmo que pequenas, nas condições iniciais.(JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 38)

Pois bem, em minha trajetória como artista em formação, percebi algo em comum em minha produção artística: a falta de linguagem e estilo fixo e a falta da dita assinatura. Assim decidi unir todo esse emaranhado de produção caótica e unificar como pertencentes a uma única pessoa com muitas identidades e humores, assim surge o Caos como assinatura unificadora de objetos e elemento estético/finalizador das obras que produzo.



Figura 3 Sem título, Técnica Mista, 2018, por Caos

Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, uma das definições de caos é o “Estado de completa desordem, confusão de ideias; amontoado de coisas que se misturam; desorganização mental ou espacial”(FERREIRA, 1975). É um pouco dessa desordem que devo mostrar ao longo da pesquisa, tentando ordenar cartograficamente essa trajetória.

Quando uso essa assinatura, consigo canalizar tudo que advém desse Caos que pesquiso e vivo, o que ele diz de materiais diversos que uso, as diferentes superfícies, o estilo, que também muda de tempos em tempos. Uma constante metamorfose. O Caos é a origem e destruição de tudo, por isso acrescenta na intenção de metamorfose dessa arte caótica.

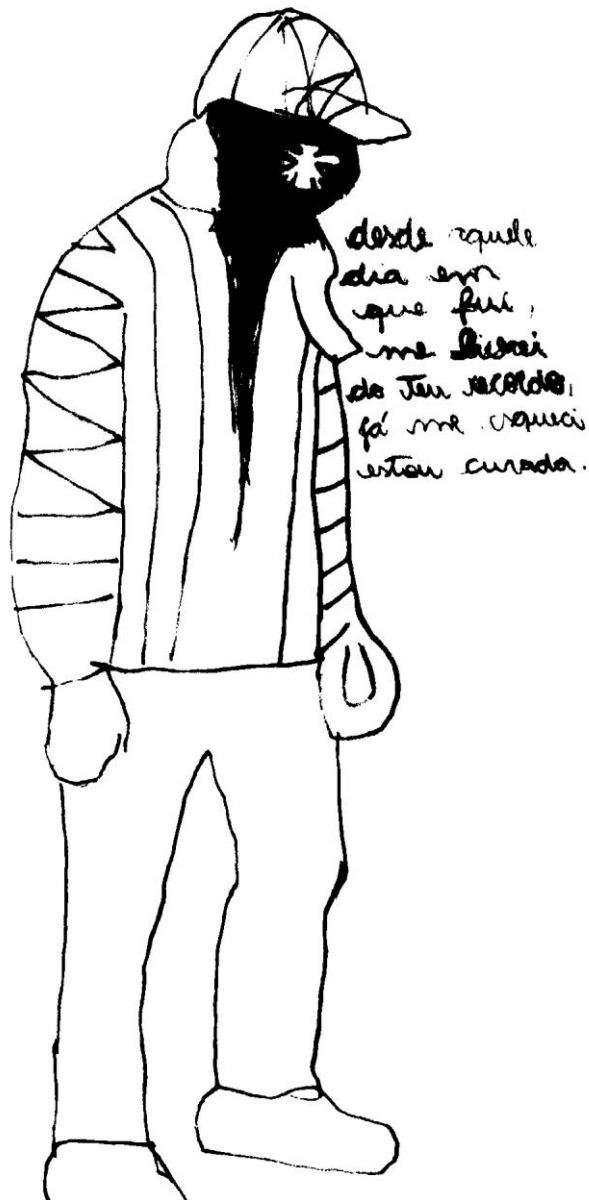


Figura 4 Autorretrato, Nanquim, 2017, por Caos

Além das questões apresentadas, outro ponto de questionamento surge na pesquisa. Retomando o que foi dito na introdução, quem seria este artista anônimo? Seria quem quer se desvincular de si em sua arte? Essas perguntas fazem pensar

sobre um sujeito que não é sujeito presente fisicamente, mas no caso de uma assinatura, a presença é quase que espiritual na cena artística, a exemplo de Banksy.

O artista anônimo não segue um padrão, apesar de que os artistas citados na introdução são todos artistas de rua. Mesmo assim não existe padrão e também não existe categoria vanguardista para arte anônima.

O artista se expõe como ele é, por exemplo, quando faz o objeto artístico, quando vive sua arte. Dessa forma – com exceção dos artistas com ideias políticas e ideológicas – o artista fala a partir de si quase sempre. Dessa forma, o anonimato permite ao sujeito que se sinta livre da opressão do ego sobre si.

O anonimato causa uma sensação de esvaziamento, abandono. O trabalho artístico anônimo também, quando nos olha de volta. O que se sente ao ver um trabalho anônimo? Uma falta. É como quando se escuta uma música que se quer saber de imediato quem a fez. Se for anônimo, identifica-se um vazio. É como se estar diante de um caixão, quando o que nos olha de volta é quase algo que não existe.

Segundo Georges Didi-Huberman (1998, p. 37): “Por outro lado, há aquilo, direi novamente, que me olha: e o que me olha em tal situação não tem mais nada de evidente, uma vez que se trata ao contrário de uma espécie de esvaziamento”. Assim, a obra de arte é abandonada de autor e carece de precedentes.

Mas, de que forma o trabalho anônimo e o anonimato escolhido por mim afetam a pesquisa? De que forma esse afeto se caracteriza?

4. II – UM AFETO ANÔNIMO

Neste capítulo trato do assunto anonimato na perspectiva do afeto. O anonimato afeta a produção da pesquisa, o percurso e o artista. E é na poética do afeto que discorro.

Não sei exatamente se seria a melhor escolha a deste tema, entretanto sinto lisonjeio por agora ser anônima. O que me afetou foi a renúncia. Renúncia do meu nome, da minha identidade, das minhas particularidades artísticas. Não sinto mais o peso da minha pessoa interferindo na compreensão e fruição das pessoas em relação ao meu trabalho. Sinto prazer em produzir anonimamente e compartilho meus trabalhos em rede social, também anonimamente. O que compartilho, procuro deixar livre para que as pessoas copiem e usem como quiserem. Se quiserem assinar e apropriar-se do objeto artístico, tudo bem. As coisas que produzo anonimamente são propriedade de todas as pessoas. Qual a diferença de quem fez se a proposta é anônima? Qual o objetivo de assinar e nomear se a proposta é e deve permanecer anônima?

Quando em frente a uma produção anônima, pode-se apreciar sem julgamentos e livre de estereótipo de estilo. O artista anônimo se sente livre para mudar de estilo se quiser, assim como fixar um estilo e não ser completamente anônimo. Como já dito anteriormente, a produção anônima deixa a sensação de vazio, vazio de nome.

O fato é que com minha pesquisa passei por um processo até conseguir ser anônima. No início mudei minha conta do instagram para @caosanonimato, mas ainda colocava fotos minhas, porque estava sendo difícil deixar o ego de lado. Depois a ideia do anonimato realmente me afetou. As pessoas que começavam a me adicionar não faziam ideia do meu gênero, por exemplo. Então fui afetada pelo anonimato e pelo Caos.

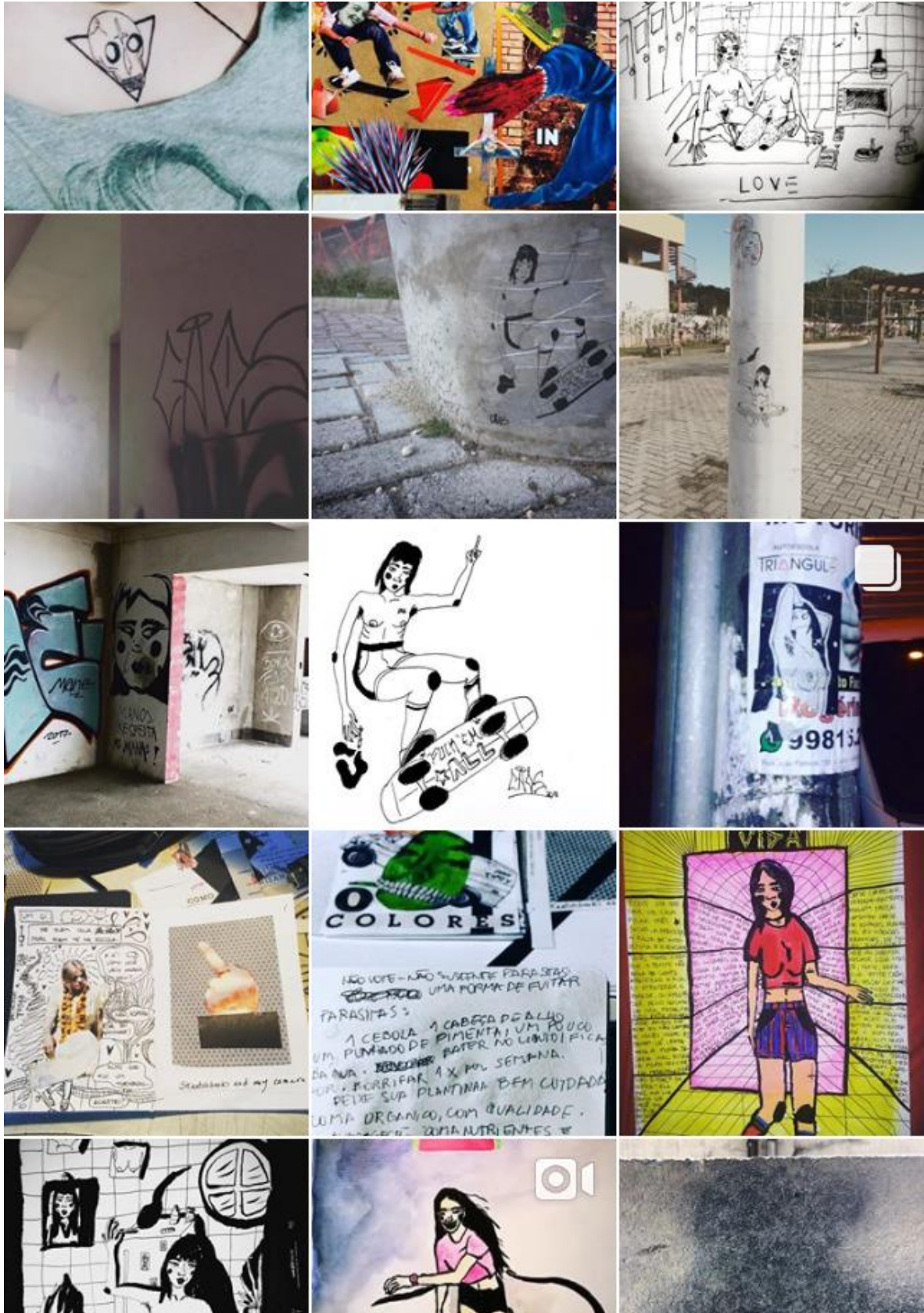


Figura 5 trabalhos exibidos no instagram @caosanimato. Fonte: <https://www.instagram.com/caosanimato>

Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior. (ESPINOSA, 2009, p. 155)

Fui afetada pelo acaso do processo de me tornar anônima, ou então de me desfazer do nome. De fato não estava mais sob meu comando, estava a comando do acaso. Mas a questão não é ser anônima ou não ser anônima. Essa visão polariza as ideias.

[...] num jogo de evidências visíveis e teóricas postas umas contra as outras de maneira sempre binária, de maneira muito precisamente *dual*. Era produzir um sintoma reativo contra um outro, sem perceber a coerção lógica e fantasmática do sistema inteiro – do sistema totalitário – produtor de *dois* sintomas. (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 75)

O anonimato não é polarizado em dois, é ilimitado. E a dualidade que nos é imposta diariamente afeta o sujeito anônimo, porque cobra um posicionamento ou outro. Dessa forma me tornei artista anônima e não sigo um ou outro padrão na minha produção. Nos tempos que estamos devemos nos posicionar, principalmente os artistas, mas não se deve exigir uma postura específica por ser anônimo. Como anônima me sinto desprendida das convenções e livre para criar como quiser.

A questão é de que forma me tornei anônima e o que fiz com isso. Dessa forma: “Quem decidiu fazer alguma coisa e a concluiu, dirá que ela está perfeita, e não apenas ele, mas também qualquer um que soubesse o que autor tinha em mente e qual era o objetivo de sua obra ou que acreditasse sabê-lo” (ESPINOSA, 2009, p. 155)

É difícil desvincular o artista de sua produção, o artista sempre estará ligado à ela, pois foi a materialização de sua subjetividade e de sua essência que está ali. Mas quando não se quer ser fixo e estar ali, deve-se recorrer ao anonimato. Não sinto a necessidade da perfeição quando me aproprio do Caos. O Caos por si só possui essência imperfeita, ele é uma grande apropriação, pois a produção, por ser contemporânea, se apropria de outros (meios, seres, materiais). E, dessa forma, o observador será afetado pelo acaso da produção que se apropria.

5. III – A MÁSCARA DO CAOS

Da forma que a pesquisa afeta no sentido de desacomodar, propõe reflexão e desempenha a diferenciação do comum papel de objeto de apreciação, assim, produz – qualquer que seja – reação incomum na fruição.

A forma que o trabalho irá produzir significados em um resultado vai se caracterizar pela própria pesquisa. A intenção, *a priori*, é fazer da pesquisa uma vivência, na proposta de performance. “A performance foi um componente importante de muitas escolas e movimentos vanguardistas do século XX, incluindo o futurismo, as vanguardas russas, o dadá, o surrealismo e a Bauhaus” (MATA, 2016, p. 222) .A performance é algo efêmero, a percepção desta pode ser mais ideológica que física, pois o conceito é o que predomina na ação. Com essa linguagem, a performance, o que me vem à mente prontamente é o artista como objeto central do conceito, claro que nem sempre, mas a exemplo disso lembro de Marina Abramovic (1946). A performance de Abramovic é centrada na figura dela e nas reflexões que a artista propõe em cada performance, mas sobretudo sua imagem é central e relevante em seu trabalho, ela desafia os sentidos com o próprio corpo.

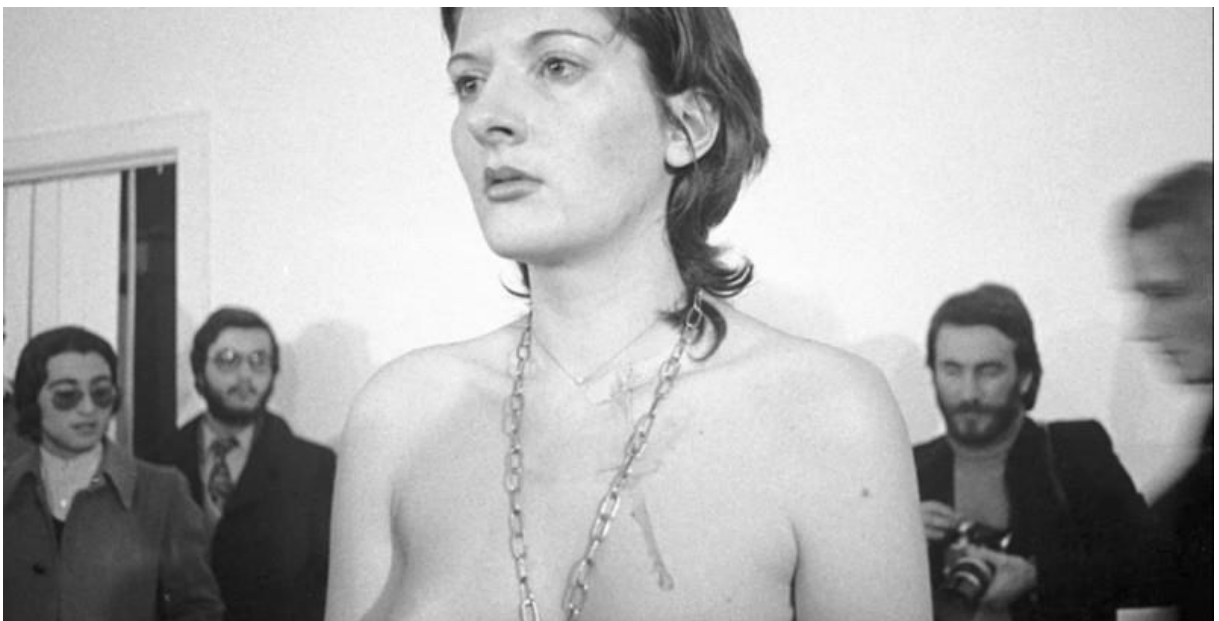


Figura 6 Marina Abramovic performando "Rhythm 0" (1974). Fonte: <https://www.guggenheim.org/artwork>

A performance resultante da pesquisa se dará a partir de fragmentos da pesquisa. Captando a essência da produção, trarei um texto que será a apresentação do trabalho, será disposto em uma narrativa que represente o que é a pesquisa. Esse texto-narrativa conterà uma apresentação do Caos e anonimato e ainda questões que a pesquisa gerou, como, por exemplo, a necessidade da presença do artista. O texto da performance será interpretado por um anônimo.

Esse sujeito anônimo representa a ausência do artista, mas ao mesmo tempo o comprometimento com o trabalho artístico, mesmo não aparecendo, acrescentei valor à minha produção por pesquisar a fundo o assunto anonimato e criar essa proposta que questiona a necessidade de um nome vinculado à produção, mesmo definido como Caos, ainda levanta questionamentos sobre sua necessidade de definição.

No dia da apresentação do trabalho de conclusão de curso, esse sujeito anônimo, ou melhor, esse sujeito escolhido para representar o anonimato, estará diante da banca avaliadora apresentando as propostas da pesquisa e falando um pouco sobre Caos como o representante anônimo em questão. Caos aparecerá diante de todos mascarado.

As máscaras – gestos, jeitos e trejeitos, procedimentos, figuras, expressões de rosto, palavras... – tornam-se obsoletas com uma rapidez incrível. A consequência disso é, por um lado, as pessoas se darem conta de que sua subjetividade é mutável, além de que é efeito de um processo que as ultrapassa: elas deixam de se conceber como unidades autônomas. (ROLNIK, 2006, p. 87)

Como já dito anteriormente, o uso de máscaras é imensamente perceptível na sociedade e todos lidam com isso normalmente, porque todos fazem uso do recurso de se mascarar e isso faz parte do ser social, segundo Rolnik (2006) “A simulação é a própria condição da vida. A abolição de uma é a abolição da outra” (p. 100). E segue dizendo que quando alguém deserta seu papel e troca a máscara: torna-se outro. É frustrante. “[...] morte do encantamento da simulação desse sujeito [...] desagregação de sua máscara [...]”. (p.98). O anonimato permite ser outro, a máscara é a materialização desta permissão. A máscara é uma reafirmação do anonimato.

No local expositivo coloco a imagem da máscara e, após a performance, a máscara de fato também será exposta. Essa máscara é de um artista amigo e colaborador, Felipe Caprestano, que cedeu seu trabalho para que fosse apropriado pelo Caos e a poética do anonimato. A máscara tem um valor afetivo, pois o artista usou um tecido cedido pela autora para confeccioná-la e também pelo fato de sermos amigos muito próximos.

Essa máscara trabalha como metáfora das máscaras que já usamos cotidianamente e, no anonimato, não é diferente, também se usa uma máscara. Dessa forma, a máscara representa não só o Caos anônimo, mas representa todas as pessoas e suas máscaras diárias.

A performance terá duração de 15 minutos e se dará em meio à apresentação da pesquisa, dessa forma, conta-se na performance com o acaso. Uma possível falha pode ser fator agregador, mas também pode ser sabotador, essa é a relatividade prática do acaso.

Um dos motivos de apresentar a performance desse jeito é preservar meu anonimato como artista. Colocando a performance assim, na hora, eu questiono a presença do artista e reafirmo a ideia do anonimato. Qualquer um pode se ver no sujeito mascarado, é uma performance de todos e para todos.

Deixo registrado aqui que colocarei, após a apresentação da performance, registros fotográficos na presente pesquisa, comprovante da realização da produção artística proposta, além do texto separado para o ator, que será apresentado no anexo 2. As imagens serão anexadas depois, pois a performance se dá na apresentação do trabalho de conclusão de curso.



Figura 7 Performance Sem Título, por Caos. Foto: Mike Zanette



Figura 8 Performance Sem Título, por Caos. Foto: Mike Zanette

Ainda falando sobre a máscara usada na performance, relembro que em 2011 eu e meu amigo criador da máscara fizemos algumas fotos dessa em específico. Ele a chama: The Face of NY



Figura 9: Estudo para "The Face of NY" 2011 Foto: Caos.



Figura 10: Teaser da máscara "The Face of NY" Foto: Caos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser anônimo significa fugir um pouco dos outros, do olhar do outro para si. Quando o sujeito observador olha para o trabalho artístico, o trabalho o olha de volta sem o peso do sujeito emissor da mensagem, sem um interlocutor; sobra para ser observada a mensagem e tão somente ela.

Talvez a atitude de não me colocar em foco seja uma espécie de covardia, um jeito de fugir de julgamentos e uma maneira lógica de mostrar meu trabalho. Porém, tal covardia me abre portas para a reflexão e acaba por ser um ato de coragem, esse de se tornar anônimo, porque também demanda um esforço. Esforço esse caracterizado aqui pela renúncia de si.

Com a pesquisa abro debate para o tema e a poética do anonimato e desacomodo o observador-leitor, direcionando o trabalho para o que quiser vir a ser, para qualquer questionamento que se possa dar ao ler a pesquisa ou ver a performance. Questões como egocentrismo e como o anonimato nos afeta foram abordadas aqui e abrem precedente para reflexão.

Quem é este artista anônimo? Quais as questões a serem levantadas com a performance? Tudo se responde com a própria performance em si, que fomenta ainda mais questionamentos, estes de acordo com a bagagem de vida que cada um carrega.

O artista anônimo aqui veste uma máscara, da qual todos podem se apropriar, assim como sua identidade. As questões levantadas com a performance poderão variar, posto que a performance é apresentada junto com a pesquisa. Mas algumas questões que propus levantar são a questão do ego do artista, de como somos afetados pelo anonimato e a necessidade de máscaras. Eu fui afetada na pesquisa no sentido de me sentir livre das convenções sociais de nome e de poder me expressar e não sentir nenhum tipo de culpa nem responsabilidade pelo que me sinto livre a criar.

Esta pesquisa faz com que eu pesquise mais acerca do anonimato e permaneça anônima até que outra máscara me sirva melhor.

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Paris: Editora 34, 2014.

EDUCAÇÃO, Portal. **Conceito de Ruído**. Disponível em: <<https://portaleducacao.com.br>>. Acesso em: 18 set. 2018.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética**. Amsterdan: Autentica, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Egocêntrico; Anônimo. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. 6. ed. Brasil: Positivo, 2004. p. 334 e 124.

FOUCAULT, Michel. O filósofo Mascarado. **Le Monde**. França, p. 299-306. fev. 1980.

FREUD, Sigmund. **Dicionário de Termos de Psicanálise**. 2. ed. Porto Alegre, 1970.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KRAUSS, Rosalind. Escultura em Campo ampliado. In: PRESS, Bay. **The AntiAesthetic**. Washington: -, 1979. p. 128-137.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2006.

THE NEW YORK TIMES. Nova York, 1 abr. 2017. Disponível em: <<https://news.globalstreetart.com/2017/04/01/brolga-interview/>>. Acesso em: 1 abr. 2017.

WASEM, Marcelo. **Experiência, ruído e obra: uma perspectiva para a análise da arte contemporânea**. 2007. 8 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Universidade Estadual de Santa Catarina (udesc), Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/149.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2018.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A

Segue um texto escrito em meio à pesquisa:

Filme “O Escritor Fantasma”, reflexão

Convoquei-me essa noite pra ver o filme O Escritor Fantasma, de Roman Polanski. Quando terminei de ver o filme fiquei em atmosfera de suspense. Nesse momento me ocorre sair pra rua pra comprar cigarros. Logo penso estar em uma conspiração estranha envolvendo carros que me seguem e espreitam no semáforo. O escritor fantasma, ator principal do filme, interpretado por Ewan McGregor, sente isso desde o começo do filme, a perseguição. Ele entra no enredo como sendo intérprete das memórias do primeiro ministro Adam Lang, que já haviam sido escritas por outro escritor fantasma; escritos póstumos. De alguma forma, quando o primeiro escritor fantasma morre, morre uma das mascaras de Adam, sacada da face por ele mesmo e recolocada após a morte do escritor, onde toda a mentira havia sido encoberta e ele poderia voltar para a segurança de sua antiga máscara. A máscara que veste o escritor fantasma vivo e ativo era para ser a de Adam, um homem sem crimes, que sorri, que mal conhece, mas, assim como seu antecessor, ele não consegue se convencer daquela encenação advinda da academia de teatro e acaba por vestir a mesma máscara de Mike (o antecessor morto), a máscara de uma espécie de curioso. Porém, essa máscara de detetive cai quando a grande revelação do manuscrito do livro deixado por Mike é revelada. Ali sua máscara de escritor-investigador-romantizador de histórias, já pode cair. O livro está pronto como o contrato pediu e Adam morto por um fascista, como o povo americano pedia, devido aos seus crimes de guerra cometidos. Ruth (viúva de Adam) joga o filme todo como intelectual, vítima, manipuladora e, por fim, responsável por tudo que acontecia, o que é revelado no início de cada capítulo do manuscrito de Mike, motivo pelo qual foi morto, supostamente por Ruth. O homem anônimo que escreveu o livro de Adam, vai ao lançamento do livro sem ser convidado e nem mencionado, após isso revela à Ruth que sabe o que houve e assim ele morre sem aparecer em cena. Morre como anônimo que foi o filme todo, sem holofotes.

Existem muitos detalhes que não podem passar: a casa. A casa é praticamente um projeto arquitetônico visualmente moderno e por dentro uma galeria de arte com bom gosto e certo exagero. A casa passa a ser em meados do filme como uma personagem que enclausura, é refúgio e ao mesmo tempo é lugar de pânico.

Outro detalhe: só se serve sanduíche para comer no filme, um lanche de passagem rápida, de quem não fica, não janta, não almoça, só lancha.

Ruth: peça chave do filme ela é o começo de todo o livro escrito e das próprias memórias conversadas com Adam. Além disso, no momento em que o escritor fantasma revela tudo que sabe a respeito das lanternas na praia na noite do assassinato de seu antecessor, Ruth sai para caminhar e, para meu espanto, lanternas a conduzem pela noite, revelando sua ligação com o assassinato de Mike. Que as lanternas já não eram mais anônimas eu sabia.

São muitos detalhes, não consigo enumerar.

O filme todo foi suspense dialogando com anonimato. Um escritor em busca de provas que levem sua indicativa “máscara de usar” chamada Adam à um destino merecedor ou ao menos uma biografia verdadeira. Ao fim, ele não deixa de cumprir seu contrato e faz o livro como gostariam que fizesse, mas logo que se entrega, entrega a verdade, retira a “máscara-livro”, ele simplesmente desaparece de cena, é retirada sua vida e o filme termina. Sem o anônimo fingindo vestir a máscara-livro Adam não existe enredo e o filme não tem sentido.

O primeiro mascarado morre, o segundo mascarado cumpre o papel que seu antecessor não conseguiu cumprir, ainda sim morre.

Há alguma forma de relacionar morte e anonimato? Sim, o anonimato é a morte do ego e no momento em que o escritor fantasma está na vernissage do livro penso: “como ele consegue?”. Assim percebo meu comprometimento com o ego e minha dificuldade de desligar minha pessoa, meu nome, meu ser da minha obra artística e da minha necessidade de aparecer ao lado dessa obra, de alguma maneira reconhecida.

APÊNDICE B

FALAS DO CAOS

(Caos entra em cena e senta no chão, olha para baixo)

(olha para frente, com ar questionador)

Qual a poética do anonimato?

Como o ego interfere no anonimato?

Que máscaras usamos?

(Caos se levanta, o acaso toma conta)

É difícil afirmar-se como pessoa única,

sempre a mesma,

não-fragmentada o tempo todo.

Não digo que sou um só,

porque me encontro distribuído entre vozes de milhões de mim entoadas em meu pensamento,

as quais todas são eu mesmo e todas me pertencem;

caligrafias diferentes que são minhas também

e até mesmo o meu estilo de expressão artística é resultante dessa fragmentação caótica.

Além de ser naturalmente fragmentado,

aceitei isso e assumi como uma identidade multifacetada,

porém única.

O Caos significa meu múltiplo estilo de fazer arte, os variados suportes.

É a escolha de não dizer quem eu sou e permanecer assim,

jogando minha arte para outro nome e, ainda sim, permanecendo eu,

lançando minha arte a disposição de outros artistas para tomarem como sua, se assim o desejarem.

É compreensível a insistência do egocentrismo em nossas vidas.

Nas propagandas, outdoors, revistas, novelas...

por tudo que o cerca,

o sujeito é influenciado a querer ser alguém perfeito, como as mídias julgam perfeito, seja
do “pegador” à “patricinha”,
ou então
do musculoso à “moça da capa”,

Todo esse movimento de exposição pessoal dá uma sensação boa em curto prazo,

mas pessoas estão ficando deprimidas por não darem conta do seu egocentrismo, por não conseguirem ser bonitas como a outra pessoa famosa,
ou então ficam doentes apenas por serem observadores da vida dos outros e ficar aquela sensação de que sua vida não acontece, só a dos outros.

Ou seja, por trás de nossas máscaras/nomes não existe ninguém,
apenas o anônimo em nós,
o cru,
o real
e o possível ilimitado.

Não precisamos estar sempre com a mesma máscara, ela não nos aprisiona para sempre,

apenas até encontrarmos outra que nos sirva mais adequadamente para nos apropriarmos dela, como quem somos no momento.

O que me afetou foi a renúncia.

Renúncia do meu nome,
da minha identidade,
das minhas particularidades artísticas.

Não sinto mais o peso da minha pessoa interferindo na compreensão e fruição das pessoas em relação ao meu trabalho.

Sinto prazer em produzir anonimamente e compartilho meus trabalhos anonimamente.

O que compartilho, procuro deixar livre para que as pessoas copiem e usem como quiserem. Se quiserem assinar e apropriar-se do objeto artístico, tudo bem. As coisas que produzo anonimamente são propriedade de todas as pessoas.

Qual a diferença de quem fez se a proposta é anônima?

Qual o objetivo de assinar e nomear se a proposta é e deve permanecer anônima?

Quando em frente a uma produção anônima,
pode-se apreciar sem julgamentos e livre de estereótipo de estilo.

O artista anônimo se sente livre para mudar de estilo se quiser, assim como fixar um estilo e não ser completamente anônimo

Ser anônimo significa fugir um pouco dos outros,
do olhar do outro para si.

Quando o sujeito olha para o trabalho artístico,
o trabalho o olha de volta sem o peso do sujeito emissor da mensagem,
sem um interlocutor;
sobra para ser observada a mensagem
e tão somente ela.

O Caos.